



UC/FPCE 2018

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Preditores individuais e sociais das atitudes perante a violência.**

Marina Barreiro Lopes  
(e-mail: sepol000@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (área de subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas) sob a orientação do Professor Doutor Rui Paixão

## **Preditores individuais e sociais das atitudes perante a violência**

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo o estudo das relações entre as variáveis vinculação, autoconceito, identificação ao grupo e as atitudes perante a violência. O protocolo, aplicado via online, incluiu os seguintes instrumentos: Escala de Vinculação do Adulto, Inventário Clínico do Autoconceito, Escala Multidimensional de Identificação e uma Ação Revisada de Atitudes para a Violência. A amostra é composta por um total de 294 sujeitos de nacionalidade portuguesa, dos quais 230 são mulheres e 64 são homens. Os resultados evidenciam que a maturidade psicológica (autoconceito) exerce um efeito negativo sob as atitudes perante a violência e, ao contrário, uma relação positiva quanto à percepção de pertença ao grupo. A identificação social revela resultados distintos entre os fatores: a Centralidade, por exemplo, contribui positivamente para as atitudes perante a Violência Interpessoal e Coletiva, mas a Solidariedade apresenta uma relação negativa com as atitudes perante a Violência Interpessoal. A principal conclusão prende-se com o facto dos fatores da identificação social se comportarem de forma diferente em relação às atitudes perante a violência, reforçando a ideia de que o construto deve ser estudado de forma multidimensional.

Palavras-chave: Vinculação, Autoconceito, Identificação ao grupo, Violência.

### ***The individual and social predictors of attitudes towards violence***

Abstract: The main objective of this study is to analyze the relationship between characteristics, attachment and self-concept, identification of the group, and attitudes towards violence. The protocol was applied via online using the following instruments: Adult Binding Scale, Clinical Inventory of Self-concept, Multidimensional Identification Scale, and a Revised Attitudes Toward Violence Scale. The sample is composed of a total of 294 subjects of Portuguese nationality, of which 230 are women and 64 are men. The results show that the psychological maturity (self-concept) exerts a negative relation between the attitudes towards violence and, in contrast, a positive relation regarding the perception of belonging to the group. The social identification reveals different results between the factors: the Centrality contributes positively to the attitudes toward Interpersonal and Collective Violence, but Solidarity shows a negative relation with the attitudes toward Interpersonal Violence. The main conclusion is that the factors of social identification behave in different ways in relation to the attitudes towards violence, reinforcing the idea that the construct should be studied in a multidimensional way.

Key Words: Attachment, Self-concept, Group Identification, Violence.

### **Agradecimentos**

Ao *Professor Doutor Rui Paixão* agradeço pela disponibilidade, pelo rigor e, em especial, por todo o conhecimento e experiência generosamente partilhados.

À *Maria Luís Lopes* e à *Professora Margarida Miranda* agradeço pela gentil colaboração neste trabalho. O vosso contributo não será, por mim, esquecido.

Aos meus *pais* dedico o mais profundo agradecimento pela compreensão, pelo apoio incondicional, pelo esforço e pelas oportunidades que nunca me foram negadas. Vocês serão, sempre, a minha maior motivação.

Aos *restantes familiares* agradeço pelo carinho e pela forma tão orgulhosa e segura com que sempre me recebem. Obrigada por nunca duvidarem de mim.

Às minhas amigas e companheiras de luta, *Cláudia* e *Ana Paula* agradeço o carinho, a paciência e a generosidade com que sempre me presentearam. Recordarei por longos e eternos anos a tarde em que se sentaram com a “Marina melodramática” em frente a uma enorme batalha de dados.

Ao *Bernardo*, à *Maria*, à *Cátia* e à *Cristiana* agradeço pela maravilhosa existência. De certo que não existem palavras tão grandiosas e cheias para descrever esta nossa viagem, mas existem inúmeras memórias inesquecíveis e tantas histórias que ainda estão para vir. Costuma dizer-se que somos de onde o nosso coração pertence, pois deixei de ser da bela vila das artes para ser um pouco de cada sítio onde vocês se encontram.

À *Lúcia* e à *Maria João* agradeço pela agradável surpresa do nosso encontro de última hora, pela amizade, pelo apoio sincero, pela alegria contagiante. Estarei uma vida inteira a tentar retribuir.

Por fim, um agradecimento essencial a *todos os sujeitos* que responderam ao questionário. O vosso contributo foi imprescindível.

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
<u>1.1.</u> Do indivíduo ao grupo.....	2
<u>1.2.</u> O grupo e a violência .....	4
II - Objetivos .....	6
III – Metodologia .....	8
3.1. Amostra.....	8
3.2. Instrumentos.....	9
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	9
3.2.2. Escala da Vinculação do Adulto .....	9
3.2.3. Inventário Clínico do Autoconceito .....	10
3.2.4. Escala Multidimensional de Identificação .....	10
3.2.5. Revised Attitudes Toward Violence Scale.....	11
4. – Procedimentos .....	11
IV - Resultados.....	12
5.1. Primeiro estudo: Adaptação da Revised Attitudes Toward Violence Scale (RATVS).....	12
5.2. Segundo estudo: Vinculação, autoconceito, identificação ao grupo e a violência.....	14
VI – Discussão .....	17
Conclusão.....	19
Bibliografia .....	21
Anexos .....	26

### **Introdução**

A Psicologia, como Ciência, tem uma responsabilidade própria nas questões associadas à Saúde Pública e, como tal, na prevenção da violência. É neste sentido que surge o alerta da Organização Mundial de Saúde, para a importância de investigar os fenômenos de violência que se têm tornado cada vez mais preocupantes no mundo atual (Krug & Dahlberg, 2002). Em busca de uma explicação para tais fenômenos, rapidamente se encontram referências aos trabalhos clássicos de Asch (1952), Milgram (1964) e Zimbardo (1971) que surgiram no rescaldo da II Guerra Mundial e, um pouco, em resposta aos massacres levados a cabo pelos nazis. As experiências destes investigadores evidenciam uma relação entre o grupo e a violência, embora as explicações para essa relação difiram (Reicher & Haslam, 2008). Igualmente, a obra Psicologia das Massas e a Análise do Eu de Freud (1921), na qual o autor recorre aos trabalhos de Le Bon (1895), oferece uma compreensão da violência através do grupo. Na leitura do autor, o indivíduo inserido no grupo perde a sua individualidade e entrega-se ao pensamento coletivo que lhe permite agir de acordo com os instintos. A segurança que o grupo transmite, potencia um sentimento de força que encoraja o indivíduo a despir as habituais inibições sociais para viver em função do desejo e da satisfação imediata (Le Bon, 1895). A constatação de que existe uma relação entre o grupo e a violência mantém-se, assim, indiscutível, embora as explicações que daí emergem não sejam consensuais. Os trabalhos destes autores fazem-nos acreditar que o indivíduo não é responsável pelos atos hediondos que comete, sendo, apenas, visto como produto das circunstâncias sociais.

Neste estudo, pretende-se questionar esta desresponsabilização do indivíduo, procurando as variáveis individuais que possam contribuir para uma maior procura do grupo e conseqüente legitimação da violência.

O trabalho que se segue organiza-se em seis capítulos e dois

estudos. O primeiro estudo apresenta algumas análises preliminares para a adaptação da *Revised Attitudes Toward Violence Scale* à população portuguesa. O segundo estudo centra-se nas relações entre variáveis individuais, sociais e as atitudes perante a violência.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1. Do indivíduo ao grupo**

Quando falamos em Teoria da Vinculação é inevitável recordar os trabalhos pioneiros de Bowlby (1951, 1969, 1988) e Ainsworth (1978, 1979). Desde a década de 40, Bowlby sugere uma relação entre as representações mentais – acerca do self, dos outros e do mundo – e as relações parentais precoces. De facto, Bowlby (1988) reporta-nos para a noção de um sistema de vinculação, inato ao ser humano, que implica a criação de laços emocionais capazes de garantir a segurança e bem-estar do bebé. Em relatório à OMS (1951), Bowlby manifesta a sua preocupação com o impacto que a carência de cuidados maternos pode ter nas crianças, estendendo-se à vida adulta (Soares, 2007). Posteriormente, alguns estudos vêm confirmar a importância de outras figuras de proximidade, como os amigos, para a construção de um estilo de vinculação (Krstić, 2016). O reconhecido estudo de Ainsworth (1978), designado por “Situação Estranha”, permite identificar e compreender as diferenças individuais nos estilos de vinculação. Como fruto da sua observação experimental, Ainsworth propôs três padrões de vinculação: seguro, ambivalente/ansioso e evitante. Embora existam algumas propostas de alteração (Main & Solomon, 1986), é nesta linha que seguirá o presente estudo. Importa-nos, aqui, explorar o impacto que os diferentes estilos de vinculação podem ter no comportamento violento. Inclusive, será dedicado especial ênfase a trabalhos que investigam as consequências de padrões ambivalentes/ansiosos e evitantes.

Cassidy (1988) obteve resultados, ainda que modestos, que indicam uma relação entre os diferentes estilos de vinculação e as diferentes representações do *self*. Krstić (2016) corrobora a relação entre diferentes estilos de vinculação e as várias dimensões do autoconceito. De facto, o autoconceito define-se como um construto que reúne a percepção que o indivíduo tem de si, em diversas áreas. Na sua formação, pode ser afetado pelas relações interpessoais estabelecidas, isto é, a forma como os outros vêem o indivíduo interfere no modo como este se vê a si, nomeadamente através do feedback que recebe (Vaz Serra, 1988). Assim sendo, o autoconceito é uma estrutura dotada de componentes emocionais e cognitivas que influencia a forma como o indivíduo se sente e se comporta (Susan Harter, 1993). Como nota, devemos mencionar que a literatura distingue autoconceito de autoestima, porém, torna-se uma tarefa difícil dissociar totalmente os dois construtos, inclusive pela relação mediadora que a autoestima exerce entre a vinculação e o autoconceito (Wu, 2009).

Tendencialmente, a vinculação segura aponta para visões mais positivas de si, com o reconhecimento das suas capacidades e limitações (Mikulincer, 1995). Por outro lado, a vinculação insegura tende a relacionar-se com visões mais negativas de si, abrindo as portas para um *self* idealizado (Toth et al., 2000). Por consequência, estas visões negativas provocam, nos indivíduos mais ansiosos, uma necessidade de ganhar a atenção e o afeto dos outros (Mikulincer, 1998). Campbell e Marshall (2011) verificaram que os indivíduos mais ansiosos tendem a ter o sistema de vinculação hiper-ativado, em resposta à percepção de rejeição por parte dos outros. Estes dados cruzam-se com a propensão destes sujeitos para generalizar as experiências passadas de rejeição, extrapolando as experiências passadas para o grupo cultural (Marshall & Ferenczi, 2013; Mikulincer, Shaver, & Pereg, 2003).

É neste seguimento que a relação com o grupo pode ser afetada. Tajfel (1978), por exemplo, considera que a identificação social é uma



parte integrante do autoconceito, onde habitam aspetos cognitivos e emocionais da pertença a um, ou mais grupos sociais. É importante referir que a identificação social é, aqui, estudada como um conceito multidimensional (ver a secção Instrumentos). Também Maslow (1943) reforça a importância das relações sociais para o desenvolvimento do indivíduo, apresentando a hierarquia das necessidades. O autor defende que o ser humano necessita de estabelecer relações e de se inserir num grupo social, inclusive afirma que, tal como os clínicos podem observar, na sociedade em que vivemos a frustração desta necessidade está, frequentemente, relacionada com casos de inadequação ou de psicopatologia severa (Maslow, 1943, p. 381).

Carvalho e Gabriel (2006) investigaram a relação entre a vinculação evitante e a necessidade de pertença, observando que o sentimento de inclusão social (introduzida através do feedback positivo) provoca visões mais positivas acerca de si e dos outros. Por outro lado, a sensação de exclusão social (induzida pela privação de contacto visual e verbal) está significativamente relacionada com a diminuição da autoestima (Williams, Shore, & Grahe, 1998). Salienta-se que, embora a necessidade de pertença seja comum a todos os seres humanos, o mesmo tipo de pertença ao grupo pode ser vivido de formas diferentes, por indivíduos diferentes (Brown & Williams, 1984).

## **1.2. O grupo e a violência**

É neste enquadramento de relações que se encaixa a violência, como um comportamento hipoteticamente relacionado com os conceitos anteriormente debatidos (vinculação, autoconceito e identificação social). Existem inúmeras definições para o conceito de violência, variáveis ao longo das sociedades, do contexto cultural e temporal, assumindo-se, desse modo, como um constructo dinâmico e pouco consensual (Prazeres et al., 2014). A definição que aqui se apresenta provém do já mencionado relatório da OMS sobre Saúde e

Violência (2002). Neste documento, a OMS define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (Krug & Dahlberg, 2002, p.1165). Michaud (1989 cit in Sá, 1999) considera que existem dois aspetos que reúnem consenso entre as várias definições – a intensidade e a lesividade dos atos. Relativamente à tipologia da violência, proposta no relatório, segue uma categorização em função do tipo de agressor: a violência autoinfligida; a violência interpessoal e a violência coletiva. A primeira, como se compreende, diz respeito aos atos violentos dirigidos ao próprio, por exemplo, o suicídio. A violência interpessoal divide-se entre a violência no seio familiar, ou entre parceiros íntimos, e a violência na comunidade. Por último, a violência coletiva reúne os atos cometidos por grandes grupos ou países, dividindo-se entre os subtipos: social, política e económica. A natureza dos atos pode ser física, psicológica, sexual e relacionada com a privação ou abandono (Krug & Dahlberg, 2002).

Como referido na introdução, a violência é, muitas vezes, associada ao comportamento em grupo, nomeadamente pelos autores da Psicologia Social (Asch, 1952; Milgram, 1964; Zimbardo, 1971). Um estudo de Bergen, Feddes, Doosje e Pels (2015) verificou a relação entre os processos de identificação social e as atitudes perante o uso de violência, observando que quanto mais ligados os indivíduos se sentem ao endogrupo, maior a predisposição para o uso da violência, em seu benefício. Mais recentemente, Ferenczi, Marshall, Lefringhausen e Bejanyan (2016) investigaram a relação entre a vinculação insegura, a marginalização do grupo e os consequentes comportamentos extremistas em benefício do grupo. Os autores concluíram que os indivíduos inseguros, quando se sentem rejeitados, especialmente por parte dos amigos, tendem a enveredar por ações extremistas, com o objetivo de reforçar a sua identidade cultural/social.

Neste trabalho a predisposição para o uso da violência será avaliada através de uma escala de atitudes. A avaliação das atitudes perante a violência permite-nos conhecer a aceitabilidade do indivíduo relativamente ao uso da violência em determinadas situações específicas como, por exemplo, bater numa criança ou a punição letal de um criminoso (Anderson, Benjamin, Wood, & Bonacci, 2006). Petty e Cacioppo (1981) defendem que as atitudes, tratando-se de um sentimento generalizado e estável, positivo ou negativo que os indivíduos guardam acerca de algo ou alguém, assumem um papel extremamente relevante na predição do comportamento. Na perspetiva destes autores, as crenças estão associadas ao comportamento porque contribuem para formar as atitudes, portanto, quando as informações que levam à crença mudam, as atitudes mudam, alterando consequentemente o comportamento.

## **II - Objetivos**

O primeiro objetivo deste estudo prende-se com a adaptação da *Revised Attitudes Toward Violence Scale* (RATVS) para a população portuguesa.

O segundo objetivo do estudo, foca especificamente a problemática da violência, pretendendo analisar as relações entre variáveis individuais (vinculação e autoconceito), a identificação ao grupo e as atitudes perante o uso da violência na população geral.

Em termos de relações entre variáveis consideram-se as seguintes hipóteses:

- Os diferentes padrões de vinculação (EVA) apresentam uma relação positiva com os diferentes tipos de autoconceito (ICAC). Portanto, com base nos trabalhos de Mikulincer (1995) e Toth et. al (2000), espera-se que a vinculação segura resulte em pontuações mais elevadas no autoconceito e, em contrário, a vinculação insegura resulte em pontuações mais baixas no autoconceito.

- Os fatores associados aos padrões de vinculação (EVA) e do autoconceito (ICAC) apresentam uma relação significativa com os fatores relacionados com a identificação social (EMI). Espera-se que os estilos de vinculação, pela forma como se refletem nas relações interpessoais (Marshall & Campbell, 2011) e o autoconceito, pela sua componente social (Susan Harter, 1993), tenham impacto na forma como o indivíduo se sente em relação ao grupo.
- Os fatores associados aos padrões de vinculação (EVA) e do autoconceito (ICAC) apresentam uma relação significativa com as atitudes perante a violência (RATVS). Com base no estudo de Ferenczi, Marshall, Lefringhausen e Bejanyan (2016), espera-se que os fatores mais próximos da vinculação insegura e da ansiosa/ambivalente apresentem uma relação positiva com as atitudes perante a violência.
- Os fatores da identificação ao grupo (EMI), neste caso à população portuguesa, apresentam uma relação com as atitudes perante a violência (RATVS). De acordo com os trabalhos experimentais clássicos (Asch, 1952; Milgram, 1964; Zimbardo, 1971) e com o estudo de Bergen, Feddes, Doosje e Pels (2015), espera-se que uma maior ligação ao grupo resulte em atitudes mais favoráveis ao uso de violência.

Com vista a uma melhor compreensão do fenómeno de violência, será testado um modelo explicativo considerando as variáveis acima referidas, colocando-se como hipótese a existência de um papel mediador da identificação ao grupo, entre as variáveis individuais e a violência (Figura 1). O uso de escalas multidimensionais, nomeadamente da identificação ao grupo e das atitudes perante a violência, permitir-nos-á esmiuçar as variáveis, possibilitando uma

nova compreensão da relação entre o grupo e a violência.

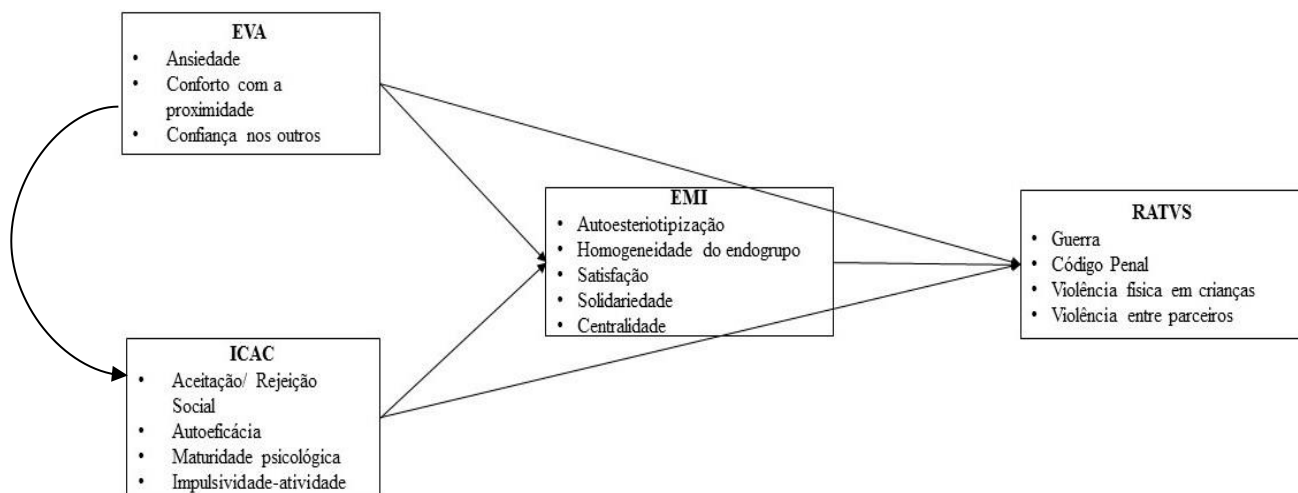


Figura 1 – Modelo em estudo

### III – Metodologia

#### 3.1. Amostra

A amostra, de conveniência, foi recolhida online. É composta por um total de 294 sujeitos de nacionalidade portuguesa e de ambos os sexos (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados Sociodemográficos (N=294)

	<i>M (DP)</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>
<b>Idade</b>	27.52(9.68)	18	77
<b>Anos de escolaridade</b>	14.96 (2.70)	6	24
	<i>n (%)</i>		
<b>Sexo</b>			
Masculino	64 (21.8%)		
Feminino	230 (78.2%)		
<b>Estado Civil</b>			
Solteiro	239 (81.3%)		
Casado/União de facto	47 (16%)		
Viúvo(a)	1 (0.3%)		
Divorciado	6 (2%)		
<b>Rendimentos mensais</b>			
Até 600€	162 (55.1%)		
Entre 600€ a 1000€	82 (27.9%)		

---

Entre 1000€ a 2000€	44 (15%)
Superior a 2000€	6 (2%)

---

### 3.2. Instrumentos

O protocolo utilizado é composto por cinco instrumentos, especificamente um questionário sociodemográfico e quatro escalas de autorrelato, abaixo descritas.

#### 3.2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico permitiu reunir uma série de dados, nomeadamente idade, sexo, estado civil, escolaridade e rendimentos mensais.

#### 3.2.2. Escala da Vinculação do Adulto

A *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA) é uma adaptação portuguesa da escala original de Collins e Read (1990), designada por *Adult Attachment Scale-R*. A escala, adaptada em 1997 e revista em 2003, permite-nos avaliar a organização dos vínculos, respeitante às relações interpessoais na idade adulta. A medida é constituída por 18 itens de autorresposta, agrupados em três fatores. O primeiro fator, designado Ansiedade, descreve o grau de ansiedade que se verifica nos relacionamentos do indivíduo, associado a sentimentos abandonicos e temores de rejeição. O segundo fator, Conforto com a Proximidade, avalia o grau de conforto que o indivíduo sente perante a proximidade e a intimidade. Por último, o terceiro fator, Confiança nos Outros, traduz o grau de confiança na disponibilidade que outros terão para si. As opções de resposta são apresentadas numa escala tipo Likert de 5 pontos, que varia entre *nada característico em mim e extremamente característico em mim*. Os participantes devem assinalar o grau em que cada item descreve como se sentem nas relações com os outros. A escala apresenta um *alfa de Cronbach* de .84 para o fator Ansiedade, .67 para o Conforto com a proximidade e .54 para a Confiança nos outros (Canavarro, 2003).

### 3.2.3. Inventário Clínico do Autoconceito

O *Inventário Clínico do Autoconceito* (ICAC) é um instrumento construído originalmente por Vaz Serra (1986), com o objetivo de avaliar os aspetos emocionais e sociais do autoconceito. É uma escala constituída por 20 itens, nos quais os sujeitos devem responder numa escala tipo Likert de cinco pontos, desde *não concordo* a *concordo muitíssimo*. Os resultados são apresentados por quatro fatores: aceitação/rejeição social; fator de autoeficácia; maturidade psicológica e impulsividade-atividade. Quanto mais alto os sujeitos pontuarem, melhor se considera o autoconceito. No artigo de validação da escala (Vaz Serra, 1986) os resultados apontam para um coeficiente de *Spearman-Brown* de .79 para a escala total.

### 3.2.4. Escala Multidimensional de Identificação

A Escala Multidimensional de Identificação é uma adaptação portuguesa da *Multicomponent In-Group Identification* (Leach et al., 2008). Recorreu-se a este instrumento para medir as várias dimensões da identificação com o grupo, neste caso específico tomando por referência a identificação ao grupo "população portuguesa". A escala é composta por 14 itens dos quais resultam cinco fatores: Autoestereotipização (inclusão no grupo); Homogeneidade do endogrupo (percepção da semelhança entre os indivíduos); Satisfação (componente afetivo); Solidariedade (percepção de ligação ao grupo) e Centralidade (importância dada ao grupo). Os participantes devem responder em que grau concordam com cada uma das afirmações, num contínuo de 1 (*discordo totalmente*) a 7 (*concordo totalmente*). Resultados elevados traduzem uma maior identificação com o grupo. O instrumento apresenta um *alfa de Cronbach* para cada fator, sendo de .92 para o fator Autoestereotipização, de .82 para a Homogeneidade do endogrupo, de .87 para a Satisfação, de .84 para a Solidariedade e, por fim, de .76 para o fator Centralidade.

### **3.2.5. Revised Attitudes Toward Violence Scale**

A Revised Attitudes Toward Violence Scale (RATVS; Anderson, Benjamin Jr., Wood, & Bonacci, 2006) constitui a revisão da *Velicer Attitudes Toward Violence Scale* (VATVS; Velicer et al., 1989) que, por sua vez, foi construída como uma extensão da *Violence Scale* (Bardis, 1973). A RATVS permite avaliar as atitudes dos sujeitos em relação a situações de violência. Dado que a escala não se encontra adaptada para a população portuguesa, será feita uma primeira avaliação psicométrica, no âmbito deste trabalho. O instrumento é composto por 39 itens que resultam em quatro fatores – Guerra, Código Penal, Violência física em crianças e, por último, a Violência entre parceiros. Os sujeitos devem responder segundo o grau de concordância com os itens, numa escala do tipo Likert de cinco pontos que varia entre discordo totalmente e concordo totalmente.

## **IV – Procedimentos estatísticos**

A análise estatística foi feita com recurso ao software IBM SPSS 22.0. As primeiras análises foram dedicadas à caracterização da amostra, recorrendo a testes descritivos e de frequência. Posteriormente, foi verificada a consistência interna das escalas através do cálculo do alfa de *Cronbach* e do *split-half*. Os valores foram considerados segundo os critérios de Pestana e Gageiro (2008).

Com o objetivo de estudar a RATVS procedeu-se a uma Análise de Componentes Principais.

Relativamente ao objetivo central do estudo foram feitas quatro Regressões Lineares Múltiplas para estudar o tipo de relações entre as variáveis. Na expectativa de compreender melhor estas relações, foram selecionados, apenas, os caminhos significativos para testar diferentes modelos teóricos, através da ferramenta AMOS 22.0.



## V - Resultados

### 5.1. Primeiro estudo: Adaptação da Revised Attitudes Toward Violence Scale (RATVS)

Na tradução da RATVS, do inglês, colaboraram três tradutores com bom conhecimento de português e inglês. Dois destes tradutores realizaram, separadamente, a tradução da versão original para a língua portuguesa. As duas versões, assim obtidas, foram comparadas, verificando-se a concordância em termos formais e de conteúdo. As discordâncias entre tradutores foram analisadas, tendo-se alcançado uma versão consensual. O terceiro tradutor realizou a retroversão desta versão para o inglês. Esta retroversão permitiu verificar se a redação dos itens sofreu alguma deturpação comparativamente com versão inglesa original. Não havendo diferenças significativas a registrar, passou-se ao pré-teste aplicado a um grupo de cinco pessoas que responderam às questões. Estas cinco pessoas não evidenciaram qualquer tipo de dificuldade na resposta à escala.

A escala foi aplicada a uma amostra de 294 sujeitos (tabela 1), prosseguiu-se, posteriormente, com os testes psicométricos da escala. Aplicou-se a Análise de Componentes Principais, considerando um critério de quatro fatores. No entanto, os resultados evidenciaram saturações fatoriais baixas que não justificavam a presença do terceiro e quarto componente, pelo que se optou por forçar a solução a dois fatores, apenas. Com o objetivo de otimizar a variância explicada foram eliminados os itens cujo valor de comunalidade fosse abaixo de .2. Os testes de adequação da amostragem obedeceram aos pressupostos, apresentando um KMO de .911 e um valor significativo ( $p < .001$ ) para o Teste de Esfericidade de Bartlett. Em termos de variância explicada, os componentes retêm um total de 50.2%, correspondendo 36.8% ao primeiro fator e 13.4% ao segundo fator. Na tabela 2 serão descritos os valores das saturações fatoriais e das comunalidades.

*Tabela 2 – Análise de Componentes Principais: Saturações fatoriais e comunalidades (N=294)*

<b>Escala de Atitudes perante a Violência (PT)</b>	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>h<sup>2</sup></b>
28. As crianças pequenas que recusam obedecer devem ser chicoteadas.	<b>.924</b>	.108	.866
38. É aceitável coagir o parceiro a fazer sexo quando este não estiver disposto, dando-lhe álcool ou drogas.	<b>.916</b>	.084	.847
32. É aceitável que um parceiro dê um tiro no outro se este entrar em brincadeiras de sedução com outras pessoas.	<b>.912</b>	.102	.842
30. É aceitável coagir o parceiro a fazer sexo quando este não estiver disposto, forçando-o a tal.	<b>.901</b>	.131	.829
36. É aceitável que um parceiro dê um tiro no outro se este lhe for infiel.	<b>.892</b>	.105	.807
39. O parceiro dominante deve manter o controlo através do uso da força	<b>.866</b>	.068	.754
27. Uma criança que seja expulsa deve levar uma tarefa de um adulto, com um cinto ou um pau.	<b>.842</b>	.232	.763
26. O homem não deve permitir que a mulher tenha o mesmo grau de liberdade que ele.	<b>.732</b>	.167	.564
24. É aceitável que um parceiro esbofeteie o outro se for desafiado.	<b>.695</b>	.333	.595
35. O parceiro é a pessoa indicada para se descarregar as frustrações do dia.	<b>.584</b>	.097	.350
25. Os parceiros devem resolver juntos os seus problemas, mesmo que isso envolva violência.	<b>.488</b>	.385	.403
18. É aceitável que um parceiro dê uma bofetada ao outro se for insultado ou ridicularizado.	<b>.484</b>	.381	.380
13. É aceitável que um parceiro aperte o pescoço ao outro se for insultado ou ridicularizado.	<b>.483</b>	.417	.386
20. O nosso país devia ser agressivo internacionalmente, através das suas forças armadas.	<b>.477</b>	.440	.421
22. Um pai ou uma mãe que bate numa criança quando esta faz algo errado de propósito dá à criança uma boa lição.	.035	<b>.769</b>	.592
23. Uma criança que é habitualmente desobediente devia ser castigada fisicamente.	.137	<b>.717</b>	.533
17. Dar uma bofetada na hora a uma criança que está a portar-se mal é a melhor forma de resolver rapidamente o problema.	.016	<b>.708</b>	.502
3. Devia poder bater-se numa criança por esta fazer uma birra.	-	<b>.688</b>	.474
9. Castigar fisicamente uma criança quando esta o merece vai fazer dela um adulto responsável e maduro.	.058	<b>.652</b>	.325
10. Os crimes violentos deviam ser punidos com violência.	.123	<b>.616</b>	.394
4. Qualquer recluso merece ser maltratado pelos outros na prisão.	.245	<b>.600</b>	.420
6. Os reclusos deviam ter mais penas com trabalhos forçados do que têm.	-	<b>.570</b>	.428
8. Independentemente da gravidade do crime, devia	.230	<b>.543</b>	.359

aplicar-se sempre o princípio “olho por olho, dente por dente”.			
19. A pena capital é frequentemente necessária.	.261	<b>.540</b>	.238
14. A pena de morte devia fazer parte de todos os códigos penais.	.145	<b>.516</b>	.287
16. As universidades deviam usar forças policiais armadas contra estudantes que destroem propriedade das mesmas.	.237	<b>.513</b>	.390
33. Um professor que bate numa criança quando esta faz algo errado de propósito dá à criança uma boa lição.	.279	<b>.506</b>	.320
5. A violência contra o inimigo devia fazer parte da defesa de todas as nações.	.403	<b>.477</b>	.348
31. Todas as nações deviam ter indústria bélica.	.236	<b>.426</b>	.297
7. A morte de civis devia ser aceite como uma parte inevitável da guerra.	.343	<b>.423</b>	.334

Analisando os dados, observa-se que o primeiro componente concentra todos os itens do fator Violência entre parceiros e, ainda, dois dos itens do fator Violência física em crianças. Deste modo, poderia ser pertinente agrupar os itens em dois novos fatores teóricos: o fator da Violência Interpessoal (19 itens dos fatores Violência entre parceiros e Violência física em crianças) e o fator da Violência Coletiva (11 itens dos fatores Guerra e Código Penal). Com o objetivo de estudar a consistência destes novos fatores, calculou-se o alfa de Cronbach. O fator Violência Interpessoal apresenta uma consistência de .89 e o fator Violência Coletiva de .84. Neste trabalho, seguir-se-á esta nova distribuição fatorial.

## **5.2. Segundo estudo: Vinculação, autoconceito, identificação ao grupo e a violência**

Primeiramente, procedeu-se à análise descritiva dos dados para a obtenção das médias e desvios padrão das respostas às escalas (tabela 3).

Tabela 3 – Médias e desvios padrão das respostas às escalas, por fator (N= 294)

Fatores	M	DP
<b>EVA</b>		
Ansiedade	2.47	.78
Conforto com a proximidade	3.23	.60
Confiança nos outros	2.78	.70
<b>ICAC</b>		
Aceitação/Rejeição	18.21	3.02
Autoeficácia	14.92	2.07
Maturidade Psicológica	15.21	2.11
Impulsividade-atividade	15.00	1.75
<b>EMI</b>		
Satisfação	5.34	1.24
Centralidade	4.10	1.58
Solidariedade	5.03	1.40
Autoestereotipização	4.29	1.63
Homogeneidade do endogrupo	4.43	1.39
<b>RATVS</b>		
Violência Interpessoal	1.35	.37
Violência Coletiva	1.60	.53

De seguida, com o objetivo de avaliar as relações entre as variáveis realizaram-se duas Regressões Lineares Múltiplas, selecionando o método *stepwise*. Os gráficos indicam uma distribuição normal dos resíduos e um valor do Durbin-Watson de 1.88 para a primeira regressão e de 2.03 para a segunda, apontando para o cumprimento dos pressupostos.

Os modelos gerados sugerem o fator Maturidade Psicológica (ICAC) como primeiro preditor para ambos os fatores da RATVS. Sendo, posteriormente, adicionado o fator Centralidade (EMI) como segundo preditor e, finalmente, o fator Solidariedade (EMI), apenas no caso da Violência Interpessoal (Anexo 1). Estes resultados rejeitam a hipótese de que os fatores da EVA estariam relacionados com os fatores da RATVS. Ao contrário do que se esperava, a vinculação parece não estar a exercer influência quer na identificação ao grupo, quer nas atitudes perante a violência. Relativamente às restantes variáveis, excluídas dos modelos, era expectável que nem todos os fatores em cada

variável fossem significativos. No seguimento destes resultados, procedeu-se ao teste do modelo, através da ferramenta *AMOS 22.0*, para uma melhor compreensão do tipo de relações entre as variáveis. O modelo (figura 2) foi contruído segundo os dados das regressões, recorrendo apenas às relações significativas: sendo a Violência Interpessoal e a Coletiva (RATVS) as nossas variáveis dependentes, colocou-se como variável independente a Maturidade Psicológica (ICAC) e como possíveis moderadoras/mediadoras a Centralidade (EMI) e a Solidariedade (EMI). Para avaliar a adequação do modelo, consideram-se os seguintes valores: .982 de NFI (relativo ao ajuste global do modelo); .987 de CFI (ajustamento do modelo considerando um modelo nulo); .085 de RMSEA (ajustamento do modelo à população) e 6.24 de Qui-quadrado (adequação dos dados ao modelo). Na leitura do modelo, confirma-se uma variância explicada bastante baixa: 0.9% para a Violência Interpessoal e 0.5% para a Violência Coletiva. Ainda assim, note-se que todas as relações do modelo são significativas e que o efeito entre as variáveis vai ao encontro do esperado.

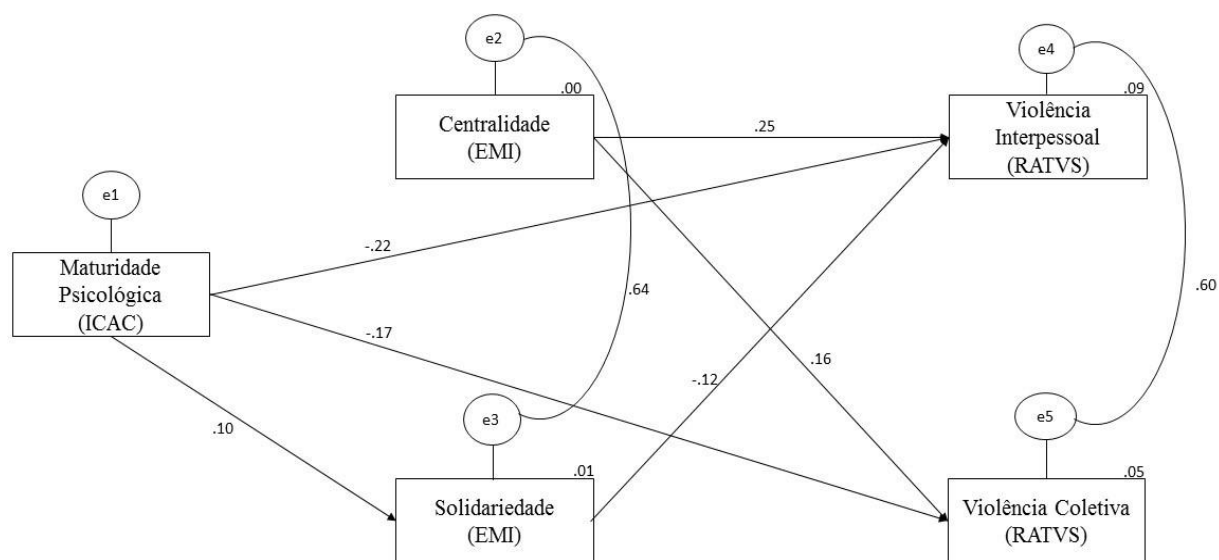


Figura 2 – Desenho do modelo. São apresentados os valores standardizados do efeito entre as variáveis, das covariâncias e da variância explicada.

## VI – Discussão

Na interpretação dos resultados podem constatar-se algumas surpresas. Desde logo, pela ausência de correlações significativas entre os fatores da EVA e os fatores do ICAC. Com base na literatura (Cassidy, 1988; Krstić, 2016), seria de esperar que a vinculação apresentasse uma correlação positiva com o autoconceito. Porém, neste trabalho, essa relação não é observada pelo que se exclui a primeira hipótese colocada. A segunda surpresa diz respeito à eliminação dos fatores da EVA do modelo gerado através das regressões lineares. Tal como foi descrito nos objetivos, esperava-se que a vinculação estivesse relacionada quer com a identificação ao grupo (EMI), quer com as atitudes perante a violência (RATVS). Contudo, essas hipóteses não se observam nestes resultados. Desta feita, a vinculação é excluída do modelo e são estudados os tipos de relação entre as restantes variáveis, fazendo-se cumprir o objetivo central do estudo. Embora a variância explicada pelo modelo seja modesta, as relações são significativas e vão ao encontro da literatura apresentada.

Esperava-se que o autoconceito, pela sua componente social (Vaz Serra, 1988), exercesse influência na identificação social. De facto, observa-se uma relação positiva entre o fator Maturidade Psicológica e o fator Solidariedade. A Maturidade Psicológica, que representa, por exemplo, a forma como os indivíduos percecionam a sua capacidade de ser francos e tolerantes, parece influenciar a perceção de pertença ao grupo. Pode então dizer-se que os sujeitos que se consideram mais maduros e responsáveis se sentem mais ligados aos seus compatriotas.

Centrando no foco do trabalho, as atitudes perante a violência parecem ser influenciadas pelo autoconceito e pela identificação social, o que vem sustentar as hipóteses apresentadas. Era exetável que o autoconceito, pela sua influência sob os sentimentos e comportamentos do indivíduo (Susan Harter, 1993), exercesse influência nas atitudes perante a violência. Constatou-se, precisamente, que quanto mais alta a

Maturidade Psicológica, menos favoráveis são as atitudes perante a violência. Um indivíduo que se percebe como tolerante e responsável, independentemente de sofrer consequências, não favorece as atitudes de violência interpessoal ou coletiva. Quanto à identificação social destaca-se um dado curioso. Os dois fatores da EMI significativos para as atitudes perante a violência exercem efeitos distintos. Quer isto dizer que, se analisássemos o construto de forma unidimensional escapar-nos-ia esta particularidade: se por um lado a Centralidade favorece as atitudes perante a violência, por outro lado a Solidariedade opõe-se às atitudes de violência interpessoal.

A influência positiva da Centralidade nas atitudes perante a violência coletiva vem ao encontro do estudo de Bergen, Feddes, Doosje e Pels (2015). Os autores observaram que os indivíduos mais ligados ao grupo tendiam a uma maior predisposição para o uso da violência, em defesa do grupo. Neste trabalho, pode observar-se que quanto maior a importância de ser português, mais os sujeitos se mostram favoráveis quanto, por exemplo, ao uso da pena de morte ou à violência das forças armadas, eventualmente, numa perspectiva de defesa do grupo. Este sentido de defesa do grupo parece levantar uma explicação para a influência negativa da Solidariedade sobre as atitudes perante a violência interpessoal. A violência interpessoal, que avalia as atitudes dos sujeitos perante atos de violência no meio familiar (ex. Devia poder bater-se numa criança por esta fazer uma birra.) e entre parceiros íntimos (ex. É aceitável que um parceiro aperte o pescoço ao outro se for insultado ou ridicularizado.) pode ser vista como um tipo de violência dirigida ao endogrupo. Neste seguimento, seria de esperar que os indivíduos, dominados pela defesa dos membros do grupo, estejam menos propensos a atos de violência interpessoal. Por outro lado, o facto da Centralidade exercer uma relação positiva nas atitudes perante a violência interpessoal parece chocar com este raciocínio. No entanto, este resultado pode ser explicado por outra via. Le Bon (1895) e Zimbardo (1971) sugerem que os atos de violência podem ser fruto

de um processo de perda da individualidade que estaria na base do pensamento coletivo e dos instintos mais primitivos. Neste sentido, sendo a Centralidade o reflexo da importância que a identidade social tem para o self do indivíduo, a violência interpessoal pode ser explicada pelo pensamento coletivo que o indivíduo assume, caso este entenda que os membros do seu grupo defendem a violência interpessoal.

Em resumo, os resultados apontam para o valor preditivo, ainda que modesto, da Maturidade Psicológica (ICAC), da Solidariedade (EMI) e da Centralidade (EMI) sobre as atitudes perante a violência, tanto interpessoal, como coletiva. Deste modo, será importante prestar atenção ao autoconceito e à identificação social dos indivíduos para a prevenção de futuros atos de violência.

### **Conclusão**

Registam-se duas conclusões essenciais deste trabalho. Primeiro, a capacidade preditiva do autoconceito e da identificação social para as atitudes perante a violência. Pode dizer-se que quanto mais positivas são as visões dos sujeitos acerca de si, menos favoráveis são as suas atitudes perante a violência, isto é, quanto menos violentos são consigo próprios, menos violentos são com os outros. Embora os valores sejam modestos, a influência é significativa pelo que merece ser estudada e considerada na prevenção e na prática clínica. Em segundo, o facto de os fatores da identificação social demonstrarem efeitos distintos, reforçando a ideia de que o construto deve ser estudado numa perspetiva multidimensional.

Neste sentido, o uso da Escala Multidimensional de Identificação revelou-se vantajosa para o estudo. Por outro lado, o uso da RATVS, pela carência de estudos psicométricos para a população portuguesa, pode ser encarado como uma limitação. Ainda assim, as análises efetuadas poderão servir como um ponto de partida para uma futura validação da escala. Acredita-se que seja uma mais-valia, quer pelo carácter multidimensional, quer pelo facto de ser aplicável à



população geral.

Em futuros estudos, poderia ser enriquecedor adicionar ao protocolo uma escala de desejabilidade social que permitisse controlar as respostas à RATVS. É possível que a tendência a responder segundo o socialmente esperado possa influenciar os resultados. Além disso, é importante referir que os fatores de risco e de proteção associados à violência podem influenciar os resultados, pelo que deveriam ser controlados, tanto quanto possível. De futuro, seria interessante estudar o modelo alterando apenas o grupo de referência, substituindo a nacionalidade por um grupo de menor dimensão, como por exemplo uma claque desportiva.

**Bibliografia**

- Ainsworth, M. D. S. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932-937
- Ainsworth, M., Blehar M., Waters E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Anderson, C.A., Benjamin, A.J., Wood, P.K., & Bonacci, A.M. (2006). Development and testing of the Velicer Attitudes Toward Violence Scale: Evidence for a four factor model. *Aggressive Behavior*, 32, 122-136.
- Bergen, D. D., Feddes, A. F., Doosje, B., & Pels, T. V. M. (2015). Collective identity factors and the attitude toward violence in defense of ethnicity or religion among Muslim youth of Turkish and Moroccan Descent. *International Journal of Intercultural Relations*, 47, 89–100. Disponível em: [doi.org/10.1016/j.ijintrel.2015.03.026](http://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2015.03.026)
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss. Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). Secure base: Clinical applications of attachment theory. London: Routledge.
- Brown, R., & Williams, J. (1984). Group identification: The same thing to all people? *Human Relations*, 37, 547-564.
- Campbell, L. & Marshall, T. C. (2011). Anxious attachment relationship processes: An interactionist perspective. *Journal of Personality*, 79(1), 1219-1250. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/refhub/S0191->

[8869\(15\)30078-7/rf0050](https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7)

- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20, 11–36. Disponível em: [doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7](https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7)
- Carvalho, M., & Gabriel, S. (2006). No Man Is an Island: The Need to Belong. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(5), 697–709. Disponível em: [doi.org/10.1177/0146167205285451](https://doi.org/10.1177/0146167205285451)
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development*, 59, 121-134
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. Disponível em: [doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644](https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644)
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(sup), 1163–1178. Disponível em: [doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007](https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007)
- Ferenczi, N., Marshall, T. C., Lefringhausen, K., & Bejanyan, K. (2016). Associations of insecure attachment with extreme pro-group actions: The mediating role of perceived marginalisation. *Personality and Individual Differences*, 91, 84–88. [doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.057](https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.057)
- Freud, S. (1972). Psicologia das massas e a análise do eu. *Edição Standard Brasileira Das Obras Completas de Sigmund Freud*. Disponível em: [http://e.livros.clube-de-leituras.pt/upload/e\\_livros/clle000128.pdf](http://e.livros.clube-de-leituras.pt/upload/e_livros/clle000128.pdf)

- Harter, S. (1993). Visions of self: Beyond the me in the mirror. In J. E. Jacobs (Ed.), *Developmental perspectives on motivation*. 99-144. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Ksenjia, K. (2016). Attachment to parents and friends as a context for development of self-concept in adolescence: The personality traits as mediators. *Serbian Psychological Association*. 49(4), 335–355. Disponível em: [doi.org/10.2298/PSI1604335K](https://doi.org/10.2298/PSI1604335K)
- Leach, C. W., Zebel, S., Vliek, M. L. W., Pennekamp, S. F., Doosje, B., Zomer, M., Ouwerkerk, J. W., Spears, R. (2008). Group-Level Self-Definition and Self Investment: A Hierarchical (Multicomponent) Model of In-Group Identification. *Journal of Personality and Social Psychology*. 95(1), 144–163. Disponível em: [doi.org/ 10.1037/0022-3514.95.1.144](https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.144)
- Le Bon, G. (1895). *Psychologie des foules*. Disponível em: [https://electrodes.files.wordpress.com/2008/12/psychologie\\_des\\_foules\\_gustave\\_lebon\\_le\\_bon\\_gallica\\_ed\\_1895.pdf](https://electrodes.files.wordpress.com/2008/12/psychologie_des_foules_gustave_lebon_le_bon_gallica_ed_1895.pdf).
- Marshall TC, Bejanyan K, Ferenczi N (2013) Attachment Styles and Personal Growth following Romantic Breakups: The Mediating Roles of Distress, Rumination, and Tendency to Rebound. *PLoS ONE*, 8(9). Disponível em: [doi.org/10.1371/journal.pone.0075161](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0075161)
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.318.2317&rep=rep1&type=pdf>.
- Mikulincer, M. (1995). Attachment style and the mental

- representation of the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(6), 1203–1215. [doi.org/10.1037/0022-3514.69.6.1203](https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.6.1203)
- Mikulincer, M. (1998). Adult Attachment Style and Individual Differences in Functional Versus Dysfunctional Experiences of Anger. *Journal of Interpersonal Violence*, 74(2), 513–524.
- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. 2008. *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo
- Petty R.E., Cacioppo J.T. 1981. “Attitudes and Persuasion: Classic and Contemporary Approaches.” Dubuque, IA: William C. Brown.
- Prazeres, V., Perdigão, A., Menezes, B., Almeida, C., Machado, D., Silva, M. C. (2014). *Violência Interpessoal: Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Disponível em: [https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas.../violencia\\_interpessoal-pdf.aspx](https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas.../violencia_interpessoal-pdf.aspx)
- Ramos, M., & Alves, H. (2011). Adaptação de uma Escala Multidimensional de Identificação para Português. *Psicologia*, 25(2), 23–38. Disponível em: <http://www.revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/286>
- Sá, A. A. (1999). Algumas questões polémicas relativas à Psicologia da Violência. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2), 53–63.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment & Human Development*, 4(2), 133–161. Disponível em: [doi.org/10.1080/1461673021015417](https://doi.org/10.1080/1461673021015417)

- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento*. Braga: Psiquilíbrios.
- Tajfel, H. (1978). *The social psychology of minorities*. London: Minority Rights Group.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., MacFie, J., Maughan, A. & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers, *Attachment & Human Development*, 2(3), 271-305. Disponível em: [doi.org/10.1080/14616730010000849](https://doi.org/10.1080/14616730010000849)
- Vaz-Serra, A. (1988). Atribuição e auto-conceito. *Psychologica*, 1, 127-141.
- Vaz-Serra, A. (1986). O Inventário Clínico do Auto-Conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7(2), 67-84.
- Velicer WF, Huckel LH, Hansen CE. 1989. A measurement model for measuring attitudes toward violence. *Pers Soc Psychol Bull* 15, 349–364
- Williams, K. D., Shore, W. J., Grahe, J. E. 1998. The Silent Threatment: Perceptions of its behaviors and associated feelings. *Group Processes & Intergroup Relations*. 1(2), 117-141
- Wu, C. (2009). The relationship between attachment style and self-concept clarity: The mediation effect of self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 47(1), 42–46. Disponível em: [doi.org/10.1016/j.paid.2009.01.043](https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.01.043)
- Zimbardo, P. G. 2007. *The Lucifer effect: how good people turn evil*. (1ª ed.) Nova Iorque: Random House.

## Anexos

### Anexo 1: Resultados das Regressões Lineares Múltiplas

*Tabela 5 – Regressão Linear Múltipla para o fator Guerra (N=294)*

<b>Variáveis preditoras</b>	<b><math>\beta</math></b>
Centralidade (EMI)	.143
Maturidade Psicológica (ICAC)	-.189
Autoeficácia (ICAC)	.140
	R <sup>2</sup> ajustado
	.048

*Tabela 6 – Regressão Linear Múltipla para o fator Código Penal (N=294)*

<b>Variáveis preditoras</b>	<b><math>\beta</math></b>
Centralidade (EMI)	.135
Ansiedade (EVA)	.117
	R <sup>2</sup> ajustado
	.048

*Tabela 7 – Regressão Linear Múltipla para o fator Violência em crianças (N=294)*

<b>Variáveis preditoras</b>	<b><math>\beta</math></b>
Maturidade Psicológica (ICAC)	-.158
Centralidade (EMI)	.279
Solidadriedade (EMI)	-.189
	R <sup>2</sup> ajustado
	.061

*Tabela 8 – Regressão Linear Múltipla para o fator Violência entre parceiros (N=294)*

<b>Variáveis preditoras</b>	<b><math>\beta</math></b>
Maturidade Psicológica (ICAC)	-.191
Centralidade (EMI)	.228
Solidadriedade (EMI)	-.152
	R <sup>2</sup> ajustado
	.067